



ANA MIRANDA

www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br

Igrejinha de Fátima

Quando criança, cantávamos. *A 13 de maio na cova da Iria, no céu aparece a Virgem Maria, Ave, ave, ave Maria...* Nossa Senhora de Fátima era uma vizinha, uma gentil e delicada vizinha que morava numa capela que era um chapéu de freira, ela era tão próxima de nós, crianças, que pelo menos eu me sentia em casa, na sua casinha. Casinha linda, recoberta de pombas azuis por fora, todas iguais, de cabeça para baixo, e de bandeirolas azul claro, laranja, verde leve, vermelho suave, por dentro, que minha imaginação infantil pintou, e janelinhas, e uma cabeça de boi, uma casa que parecia uma brincadeira no céu. Uma santa pintada acima do altar, flutuando, com uma florzinha na mão e o menino coroado no colo. Era simplesmente natural que ela morasse ali e fosse nossa vizinha. Missa aos domingos... sete da manhã... sermão de padre... vento nas bandeirinhas...

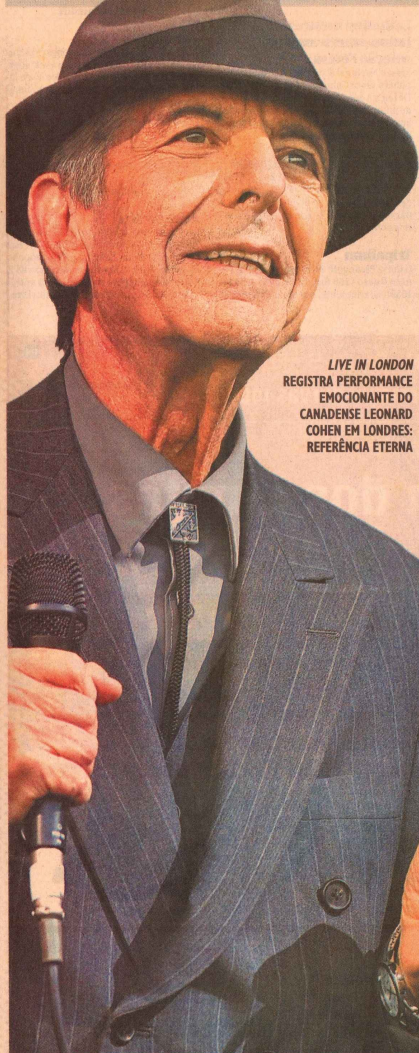
Um dia apagaram os afrescos das paredes, que eram de Volpi. Disseram que o padre pintou por cima, os fiéis reclamavam, não sugeria oração, mas festa, e achavam que a santa estava errada, pois Volpi pintara Nossa Senhora do Rosário. *Santa simplicíata...* A santa que apareceu em Fátima, sobre a azinheira, mais brilhante que o sol, e pediu que todos rezassem o santo rosário, disse chamar-se Nossa Senhora do Rosário. O nome completo é Nossa Senhora do Rosário de Fátima! Volpi estava certo. No entanto, acabaram-se o boi, a pomba, a Senhora com seu menino, as bandeirolas e as cores puras. Mas meu amigo poeta contou-me que convidaram um artista maravilhoso chamado Galeno para pintar novos afrescos. O artista brincou, com a mesma alegria de sua arte, disse que ficou muito feliz porque ultimamente não estava sendo convidado nem para velório. Mas para o renascimento, sim, de acordo com sua florada, flor-de-maio, flor-do-dia. Um filho de Nossa Senhora de Fátima, ele disse ter nascido em 13 de maio e leva Fátima em seu nome. Tudo na mesma delicadeza alegre do italiano. Lá onde more, Volpi deve estar resmungando, Não

me incomodem, estou trabalhando — era a sua frase preferida, dizem.

Gosto tanto dessa Igrejinha e dessa santa que a única promessa feita em minha vida foi para elas. Foi neste mesmo ano, vejamos que não sou promeseteira. Falei com minha amiga mineira, Maria Coeli, que sinto muitas saudades dos netinhos e adoraria se eles morassem aqui, pertinho de mim. Minha amiga muito religiosa disse, Faz uma promessa! E me enumerou os santos que mais costumam conceder graças. Meu Deus, não lembrava que era tão simples assim! Fiz a promessa a Nossa Senhora de Fátima: se meus netinhos se mudassem para o Brasil, eu iria à Igrejinha de minha infância e de mãos dadas com eles entraria na igreja com a mesma pureza de quando eu era criança, eu acenderia uma vela e agradeceria, e apresentaria essa santa tão meiga aos meus netos. E eu nem me lembrava que a Igrejinha fora uma promessa de dona Sara, a uma graça concedida. No dia seguinte, tenho testemunhas, a mãe dos meus netinhos telefonou dizendo que estava pensando em mandar as crianças para o Brasil! Foi um impulso divino. Ainda estamos em negociações, meses longos, porque eu fiz a ressalva: se for melhor para eles. Talvez a santa tenha melhor bom senso que o coração doído de uma avó saudosa, e uma velinha modesta não vá lhe fazer muita diferença. Mas estamos nessa negociação, minha santinha, o destino, e eu. Sei que de qualquer maneira levarei as crianças, algum dia, mesmo que venham apenas de férias, a visitar a Igrejinha de minha infância, antes que eles percam os olhos encantados da visão pura e feliz. Apenas para eles conhecerem a igreja. E lá vai estar uma santinha, mais brilhante que o sol, Nossa Senhora com cabeça de pipa, e carretéis, lamparinas, os toccheiros de Athos, umas bandeirinhas arrumadas em alamares, os bois imaginários, as pombas descendo, os anjos...

“O NOME COMPLETO É NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA! VOLPI ESTAVA CERTO. NO ENTANTO, ACABARAM-SE O BOI, A POMBA, A SENHORA COM SEU MENINO, AS BANDEIROLAS E AS CORES PURAS”





LIVE IN LONDON
REGISTRA PERFORMANCE
EMOCIONANTE DO
CANADENSE LEONARD
COHEN EM LONDRES:
REFERÊNCIA ETÉREA

MÚSICA

Velho e bem-vindo conhecido

DANIELA PAIVA

Ao observar as 26 canções que integraram o repertório da apresentação de Leonard Cohen na O2 Arena no dia 17 de julho de 2008, em Londres, é como se o cantor se fizesse presente em algum momento da vida do ouvinte, mesmo que nenhum disco na estante exiba o nome do canadense. *Dance me to the end of love* acolheu uma das mais belas performances de Madeleine Peyroux. *Sisters of mercy* inspirou o batismo de uma das referências para o rock gótico nos anos 1980. A grandiosa versão da incessantemente regravada *Hallelujah* pertence a Jeff Buckley. Uma interpretação eterna para a atemporalidade de Cohen.

Bandas de rock frequentemente iniciam lista de referências pela bíblia do gênero, escrita pelos Beatles e pelos Rolling Stones, independentemente das preferências. Já os songwriters, compositores que sozinhos carregam a voz, o violão e/ou guitarra elétrica, citam quase que de bate-pronto Bob Dylan. Mais do que senso comum, as três referências são patrimônios da humanidade.

Artistas tão familiares quanto o ambiente que se escolhe para ouvir música.

Leonard Cohen é um injustiçado.

Não alcançou a popularidade de Dylan, mas o respeito é tamanho que artistas como Elvis Costello e Lou

Columbia/Sony Music



LIVE IN LONDON

Álbum duplo do cantor canadense Leonard Cohen. Produzido por Edward Sanders. 26 faixas. Lançamento Sony/BMG. Preço médio: R\$ 39,90.

Reed, típicos songwriters, o mencionam como influência em um estalar de dedos.

O espólio comprova importância: 10 discos de estúdio, 21 milhões vendidos, e incontáveis regravações em diversos segmentos — do new jazz à música pop. “Estava tomando um drinque com o meu velho professor. Ele tem 102 anos agora (risos da plateia). Ele tinha 97 na época, brindava comigo e dizia: ‘Perdão por não morrer. De certa maneira, eu me sinto da mesma forma’, diz Cohen à plateia em um dos intervalos de *Live in London* no histórico show de Londres. “Queiro agradecer-lhe não apenas por esta noite. Mas por todos os anos que vocês têm mantido as minhas canções vivas.”

Live in London marca o segundo mês de turnê — a primeira em 15 anos — que, em outubro, completará cerca de 200 shows ao redor do mundo. “Faz muito tempo que eu não fico de pé nesse palco em Londres. Há 14, 15 anos, quando tinha 60 anos, era apenas um garoto com um sonho maluco...”, brinca em uma das muitas

falas bem-humoradas. Hoje, aos 74, passados os nove anos de reclusão no budismo, em que chegou a alcançar o status de monge, a melancolia de outrora restringe-se às canções.

Aqui, elas foram escolhidas para que o reencontro com o público seja um gesto de gentileza. “Sou agradecido pela turnê. Você nunca pode garantir que vá dar certo porque há outros componentes nesse tipo de situação, como graça, sorte, espírito. Há um componente misterioso que torna uma noite memorável e de alguma maneira nós temos tido sorte e graça para que isso aconteça”, disse à lenda para Jian Ghomeshi, radialista do programa e revista canadense *Q*, que vai ao ar pela Rádio One, da CBC, e tem versão televisiva para a internet.

Cohen, cujo vigor aos 73 anos à época é descrito em pequenas corridas para o palco no início e no final do show, conta com nove companheiros na tarefa de registrar uma trajetória que escapuliu das mãos e tornou-se uma espécie de domínio público da alta classe artística. Uma das presenças marcantes no palco é a da mulher, parceira, produtora e backing vocal Sharin Robinson, com quem compartilhou boa parte do álbum *Ten new songs*, de 2001, o primeiro após os anos de reclusão.

Escritor e poeta, Cohen estreou na música aos 33 anos, em *Songs of Leonard Cohen*. Judeu por nascimento e defensor da religião (ainda que tenha mergulhado no budismo), personificou a figura do artista polêmico ao criar uma poesia constante ligada a temas como religião e sexo — namorou até Janis Joplin. Mesmo com os sumiços, os fãs artistas não o esqueceram. Tiraram o legado das cinzas nas trilhas de cinema, nos álbums-tributos.

CRÍTICA//



Aconchego e delicadeza

A primeira faixa do disco de número um de *Live in London* entra de supetão. *Dance with me to the end of love*, apropriada por Madeleine Peyroux, mostra que o ouvinte já conhece os móveis, as cortinas desta casa construída por Leonard Cohen. O timbre em barítono profundo não carrega tensão, peso. É de uma delicadeza que emociona.

O folk ganha tons jazzistas, flamenco, não ocupa espaço em excesso. É a banda, que executa o plano arquitetado e reverenciado pelo dono da casa. Ele repete o nome dos solistas como se estivesse em um palco pequeno.

Cohen introduz as músicas citando letras, misturando poemas e brincadeiras. Quase não se diferencia o ao vivo de um estúdio, a não ser pelo clima de bate-papo. Bird on the wire, Anthem, Tower of song, Brogue street. O álbum oferece o aconchego de um lar para qual sempre bom retornar. Especialmente quando o dono está em casa. (DP)